

150 ANOS DO NASCIMENTO DE LUIGI PIRANDLLO

No ano que assinala a passagem de 150 anos sobre o nascimento de Luigi Pirandello (1867-2017), o Instituto Italiano de Cultura de Lisboa por iniciativa da sua Directora, Dr.^a Luisa Violo, levou a cabo uma série de eventos que recorda aquele que em 1934 foi Prémio Nobel da Literatura. Ao longo de cerca de dois meses, esteve patente nas instalações desta instituição uma exposição que deu a conhecer facetas muito significativas da recepção de Pirandello em Portugal e que contou com a colaboração do Museu do Teatro de Lisboa, do Teatro Nacional D. Maria II, do *Diário de Notícias* e do Centro de Estudos de Teatro da FLUL. Paralelamente, performances, leituras encenadas, um encontro com actores e o colóquio *Nos passos de Pirandello* celebraram a efeméride. Além disso, o Centro de Estudos de Teatro da FLUL, com o apoio do Instituto Italiano de Cultura de Lisboa, organizou um programa onde avultam a exposição patente no átrio desta Faculdade e um colóquio realizado no mês de Maio. Por sua vez, em Coimbra, também com o apoio desta instituição, o *Décimo Encontro de Italianística. Luigi Pirandello 150 Anos* celebrou o autor italiano em Outubro, no Instituto de Estudos Italianos da FLUC.

Luigi Pirandello distingue-se, no panorama internacional do Modernismo, como um dos mais agudos intérpretes da condição paradoxal de um sujeito fragmentado, cindido entre si mesmo e o outro, que se confronta tragicamente com uma busca do sentido condenada à inconclusão. Mestre do ensaio, do conto, da novela, do romance, da poesia, da escrita teatral e da cena, visitou Portugal em 1931 para participar no *V Congresso Internacional da Crítica*, um colóquio itine-

rante promovido por António Ferro. Foi nessa circunstância um dos primeiros espectadores de *Douro, faina fluvial*, de Manuel de Oliveira, cujo sentido logo captou. O apreço que mereceu em Portugal, desde as primeiras representações das suas peças, na década de 1920, e também como narrador e ensaísta, não tem parado de aumentar.

A revista *Estudos Italianos em Portugal* associa-se às celebrações com a publicação da tradução portuguesa da novela *C'è qualcuno che ride, Está aqui alguém a rir*, elaborada por José Colaço Barreiros. Foi originariamente publicada em 1934 e descreve um encontro muito singular entre pessoas cuja interacção não encontra correspondência, o que gera uma série de jogos cruzados aparentemente incompreensíveis. A narrativa condensa, pois, alguns dos temas mais característicos do universo pirandelliano, como a máscara, a existência do sujeito em função de uma alteridade sempre fugidia ou o de uma ficção que se desdobra infinitamente sobre si mesma. A gargalhada que se vai ouvindo traduz bem a relatividade das fronteiras entre um vitalismo estridente e uma norma que acaba por nunca permitir ao sujeito apreender a nudez do seu fundo.

Rita Marnoto

ESTÁ AQUI ALGUÉM A RIR

Serpenteia uma voz no meio da reunião:

– Está aqui alguém a rir.

Aqui, ali, aonde quer que chegue a voz é como erguer-se uma víbora, ou um grilo saltar, ou cintilar um espelho ferindo os olhos à traição.

Quem se atreve a rir?

Todos se voltam de repente, procurando em redor com olhares fulminantes.

(O salão enorme, iluminado acima da multidão dos convidados pelo esplendor de quatro grandes lustres de cristal, permanece lá no alto, na tristeza da sua poeirenta antiguidade, quase apagado e deserto; só parece alarmada, de uma ponta à outra da abóbada, a crosta do violento fresco seis-

centista que se fartou de sufocar e confundir numa negridão de noite perpétua as frenéticas truculências da sua pintura; dir-se-ia ansioso por que cesse toda a agitação ali em baixo e o salão seja evacuado).

Vendo bem, uma ou outra cara alongada, com piedoso puxão, forçando um aflito sorriso de complacência, ainda se vislumbra; mas ninguém a rir, propriamente. Ora sorrir de complacência será lícito, creio que tem de ser um acto legítimo, se não mesmo um dever, se for verdade que a reunião – muito séria – pretende ter também o ar de um dos entretenimentos citadinos na época do Carnaval. Com efeito, no estrado coberto com um tapete preto, uma pequena filarmónica de caveiras calvas toca intermináveis músicas de dança enquanto uns pares dançam para dar à reunião a aparência de um baile, por convite e quase sob o comando de fotógrafos contratados com esse propósito. Contudo, é tão berrante o vermelho ou o azul-celeste de certos trajes femininos, e tão arrepiante a fragilidade de certos ombros e de certos braços nus, que quase damos connosco a pensar se aqueles dançarinos não terão sido extraídos de debaixo da terra como brinquedos vivos de outros tempos, conservados e agora recarregados artificialmente para dar este espectáculo. Sente-se precisamente a necessidade, depois de os ver, de nos agarrarmos a qualquer coisa sólida e rude: como por exemplo a nuca deste vizinho de sobrolho franzido, que sua em bica e se abana com um lenço alvíssimo; ou a testa de idiota daquela velha senhora. Estranho porém: na desolada mesa dos refrescos, as flores não são artificiais, e assim dá uma grande tristeza pensar nos jardins em que as colheram esta manhã, sob um chuvisco claro que vai caindo leve e pungente; e que pena esta pálida rosa já desfeita que conserva nas folhas caídas um moribundo odor de carne perfumada.

Aqui e além perdidos entre os magotes de gente, há também um ou outro convidado em dominó, mais parecendo um irmão da caridade em busca do funeral.

A verdade é que todos estes convidados ignoram a razão do convite. Soou na cidade como um toque a reunir. Agora, perplexos quanto ao que mais convirá, se afastar-se ou pôr-se bem à vista (o que também não seria fácil no meio de tanta gente), cada um observa o outro, e quem se vê observado no acto de se deixar ficar para trás ou de tentar aparecer à frente, esmorece e já não sai dali; porque cada um suspeita do outro e a desconfiança na balbúrdia cria certas manias que só a custo serão capazes de conter: olhares para trás que se alongam oblíquos e que, mal são descobertos, se retraem como serpentes.

– Olha, olha, também cá estás?

– Eh, estamos todos, acho eu.

Contudo ninguém ousa perguntar porquê, temendo ser o único a ignorá-lo, o que seria uma culpa no caso de a reunião ter sido marcada para tomar alguma grave decisão. Sem se fazerem notar, alguns procuram com os olhos os dois ou três que se presume deverem estar em condições de saber alguma coisa, mas não os encontram: devem ter-se reunido em conselho em qualquer sala secreta aonde de vez em quando alguém é chamado e acontece empalidecendo e deixando os outros numa ansiedade pavorosa. Tenta-se deduzir das qualidades de quem foi chamado e das suas posições e amizades o que na outra sala poderá estar em deliberação, e não se consegue compreendê-lo, porque pouco antes foi chamado outro de qualidades opostas e de relações totalmente contrárias.

Dentro da consternação geral por este mistério, o orgasmo vai crescendo ponto por ponto. É sabido com que rapidez se propaga uma inquietação, e como uma coisa, ao passar de boca em boca, se altera até se transformar noutra. Assim, de uma ponta à outra do salão correm enormidades de se ficar estarecido. E de almas assim todas em fermento fervilha e difunde-se como que um pesadelo, no qual, ao som angustiante e espasmódico daquela filarmónica, por entre o murmurinho que atordoa e os reflexos das luzes nos espelhos,

fazem deslizar diante dos olhos de cada um os mais estranhos fantasmas, e como um fumo que se expande em densas espirais, das consciências que chocam em segredo o fogo de inconfessados remorsos, transbordam medos, suspeitas e apreensões de todos os gêneros; em muitos, a tendência instintiva de correr imediatamente para um abrigo tem os efeitos mais imprevisíveis: uns piscam os olhos sem cessar, outros olham para um vizinho sem o ver e sorriem-lhe com ternura, outros abotoam e desabotoam vezes sem conta um botão do colete. O melhor ainda é fingir que não é nada consigo. Pensar em coisas diferentes. Na Páscoa que este ano calha muito cedo. Num Fulano que se chama Bons-dias. Mas entretanto, que sufoco esta comédia de nós mesmos.

O facto (se verdadeiro) de alguém rir, parece-me que não devia causar tanta impressão, se estão todos com o mesmo ânimo. Mas qual impressão! Suscita um altivo desdém, e precisamente porque estão todos com o mesmo ânimo, indignação como por uma ofensa pessoal, por que se possa ter a coragem de rir abertamente. O pesadelo sobrecarrega de modo tão insuportável para todos, exactamente porque ninguém acha lícito rir. Se uma pessoa se põe a rir e as outras lhe seguirem o exemplo, se todo este pesadelo se desmorona de repente numa risada geral, então adeus ó vindima! É preciso que se acredite em tanta incerteza e suspensão das almas e se sinta que a reunião desta noite é muito séria.

Mas afinal existe realmente esse alguém que continua a rir, apesar da voz que serpenteia há já um bom bocado no meio da reunião? Quem é? Onde está? Temos de lhe dar caça, de o agarrar pelo peito, de o encostar à parede e, de punhos esticados, perguntar-lhe porque é que ri e de quem ri. Parece que não será um só. Ah sim, mais de um? Dizem que são pelo menos três. Mas como, combinados os três, ou cada um por si? Parece que combinados os três. Ah sim? Vindos com o deliberado propósito de rir? Assim parece.

Primeiro foi notada uma moçoila, vestida de branco, de faces coradíssimas, viçosa a um canto da sala do outro lado, um tanto desajeitada que soltava umas risadas a um canto da sala lá de dentro. Ao princípio não fizeram caso dela, quer por ser mulher, quer pela idade. O que chocou foi apenas o som inesperado da gargalhada e alguns até se viraram para ela como se fosse devido a uma inconveniência, digamos mesmo uma impertinência, ou uma traquinice, se quisermos, mas perdoável, dado o seu riso de criança, de resto logo truncado ao ver-se observada. Fugiu daquele canto, curvada, cobrindo-se, com as mãos tapando a boca, fez sentido – isto sim – ouvi-la ainda rir lá dentro. Num irromper convulsivo, talvez devido à compressão que ao fugir dali se impusera. Criança? Agora vem a saber-se que fará daqui a pouco dezasseis anos, e tem dois olhos que lançam chamas correndo em debandada de uma sala para outra, como que perseguida. Sim, sim, de facto é seguida por um rapazote igualmente louro e bonito, que ri também como um louco atrás dela, espantado com a impertinência da rapariga que se enfia por todo o lado no desejo de ter uma compostura que não consegue, vira-se para cá e para lá como se ouvisse chamarem-na, e sem dúvida morde os lábios para refrear um ímpeto de hilaridade que borbota dentro dela e lhe faz soluçar o estômago. E eis que agora descobrem o terceiro, um certo homenzinho elástico que se vai balançando e batendo com os dois curtos braços na barrigui-nha redonda e rija como duas baquetas no tambor, a calvície resplandecente entre uma ruiva coroa de pêlos encarapinhados e uma face bem-aventurada em que o nariz lhe ri mais do que a boca, e os olhos mais do que a boca e o nariz e ri-lhe o queixo e ri-lhe a testa, riem-lhe até as orelhas. De fraque como todos os outros. Quem o convidou? Como se infiltraram na reunião? Ninguém os conhece. Nem eu. Mas sei que ele é o pai daqueles dois jovens, um abastado senhor que vive no campo com a filha, enquanto o filho anda nos estudos aqui na cidade. Vieram parar a este falso baile por coinci-

dência. Sabe-se lá se ao virem não teriam combinado entre si, pois devem existir estabelecidos certos entendimentos e meios segredos brincadeiras apenas suas, poalhas guardadas de reserva, coloridas por fogos de artifício, prontas a explodir a um mínimo incentivo, nem que seja um olhar de fugida; o facto é que não podem vir juntos; mas com os olhos procuram-se de longe e, assim que algum pisca o olho aos outros, viram a cara e por detrás das mãos soltam certas risadas que são realmente escandalosas no meio de tanta seriedade.

A obsessão desta seriedade é tão pesada e sufocante sobre todos que ninguém consegue supor que aqueles três possam estar fora dali, bem longe, e possam pelo contrário ter dentro de si alguma inocente e se calhar até disparatada razão de rir de coisa nenhuma; a rapariga, por exemplo, só porque tem dezasseis anos e porque está habituada a viver como uma poldra no meio de um prado florido, uma poldra que galopa à desfilada a cada sopro de ar e salta e corre feliz, nem ela própria sabe de quê; pode-se jurar que não dá por nada, que não tem a mínima suspeita do escândalo que está a, provocar juntamente com o pai e com o irmão, eles mesmos também festivos, alheios e estranhos a qualquer suspeita.

De modo que quando, reunidos por fim os três num sofá da outra sala, o pai no meio entre o filho e a filha, contentes e exaustos, com um grande desejo de se abraçarem pelo divertimento que tiveram, feito brotar pela sua própria alegria em todas essas belas risadas como num fragor de efémeras espumas, vêem vir ao seu encontro pelas três grandes portas envidraçadas, como uma negra maré sob um céu repentinamente escurecido, toda a multidão dos convidados, lentamente, muito lentamente, com o melodramático passo de tenebrosa conjura, primeiro não percebem nada, não acreditam que aquela desajeitada manobra possa ter sido feita para eles e trocam entre si um olhar, ainda um tanto sorridentes; o sorriso porém vai pouco a pouco esmorecendo numa crescente desorientação, até que, não podendo nem

fugir nem sequer recuar, encostados como estão ao espaldar do sofá, já não espantados, mas agora aterrorizados, levantam instintivamente as mãos como que para conter a multidão que, continuando a avançar, tombava em cima deles, terrível. Os três principais, os que, precisamente por sua causa e por mais nada se tinham reunido em conselho, numa sala secreta, senão pela voz que serpenteia do seu riso inadmissível a que deliberaram dar uma punição solene e memorável: ei-los que entraram pela porta do meio e estão à frente de todos, com os capuzes dos dominós descidos até ao queixo e burlescamente algemados com três guardanapos, como réus a castigar que venham implorar a sua piedade. Assim que chegam diante do sofá, uma enorme e sardónica risada da multidão dos convidados explode ruidosa e ribomba horrível várias vezes na sala. Aquele pobre pai, abalado, debate-se todo tremente, consegue pegar entre os braços os dois filhos e, todo encolhido sobre si mesmo com calafrios que lhe racham os rins, sem poder perceber nada, foge perseguido pelo terror com que de repente todos os habitantes da cidade enlouqueceram.

Tradução de José Colaço Barreiros